

APRESENTAÇÃO

CONVERSA SOBRE LEITURA

Valdir Prigol

Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, Chapecó, Brasil

Saulo Neiva

Université Clermont Auvergne, Clermont-Ferrand, France

Ricardo Domeneck, no poema *Conversa com duas estranhas*, coloca em cena as marcas de uma leitora alemã nas margens da edição em português do livro **Perto do coração selvagem**, de Clarice Lispector. O poema inicia com uma voz em primeira pessoa dizendo que retirou o exemplar do livro de Clarice em uma biblioteca de Berlim. Mostra algumas marcações da leitora alemã nas margens do livro, como “É isso! É isso” (DOMENECK, 2005, p. 73), “Ela compreendeu!” (DOMENECK, 2005, p. 73), “Ódio” (DOMENECK, 2005, p. 74), e cita trechos do livro de Clarice. O poema abre para muitas interpretações: uma delas é a da inversão da cena de leitura, já que, no poema, uma leitora alemã olha para a sua vida a partir do livro (em português) de uma autora latino-americana; também podemos pensar a ideia do poema como conversa sobre um modo de ler. E, nesse sentido, é interessante observar que essa cena de leitura dá visibilidade a um aspecto que começa a ganhar atenção neste presente: o texto literário não é o único elemento da experiência de leitura. No poema de Domeneck, temos o texto de Clarice mas, principalmente, a relação da leitora alemã com o texto no seu (leitora) presente de leitura. Isso é fundamental, porque o que vemos aí é um conjunto de elementos que entram em funcionamento quando a leitura acontece, inclusive a ideia de leitura como conversa.

Vejamos o poema:

Conversa com duas estranhas

prestes

a deixar o país retirei

na Biblioteca Municipal
de Munique Alemanha o
livro “Perto do Coração
Selvagem” de Clarice
Lispector numa edição
brasileira de 1984 o
livro em português em
que encontrei pequenas
anotações a lápis nos
cantos de algumas
páginas anotações
em alemão numa
caligrafia feminina
delicada
algumas são apenas traduções
para o alemão de palavras
que ela não entendia como
à página 34 no
alto em que ela não
entendeu a palavra “vergada”
e anotou
sua tradução para
o alemão
alguns pontos de interrogação
períodos inteiros vários “É ISTO!”
e “É
ISTO!” outra “ELA ENTENDEU!”
todas em alemão estou traduzindo
muitos pontos de exclamação um
“COMPENSÍVEL” é estranho que
as anotações cessam de repente
e só
voltam na página 168
um “ÓDIO” anotado na
página 201 ao lado do
trecho “ò tola, tola,
talvez tivesse sofrido então
e amado
se soubesse de seu nome, de
suas esperanças e dores. É verdade

que o silêncio entre eles
 fora assim mais
 perfeito. Mas
 de que valia...Apenas
 corpos vivendo. Não,
 não, ainda melhor assim: cada
 um com um corpo,
 empurrando-o para a frente...”
 na página 202 as anotações
 explodem em pontos de
 exclamação interrogação
 números 1-2-3 que não
 compreendo escrita ilegível
 nervosa
 a última está na página
 203 e diz “História da
 Humanidade” precedida dos
 números 1-1-2-3-4-1
 na página seguinte já sem
 anotações da estranha
 Clarice Lispector escreveu “...desde
 que ela era mulher...A morte...
 E de
 súbito a morte
 era a cessação
 apenas...Não!
 gritou-se assustada, não
 a morte.”
 (DOMENECK, 2005, p. 73-75).

O poema coloca questões fundamentais sobre a leitura, como: de que modo este texto chegou à “leitora” alemã? Ou de que modo este texto editado no Brasil chegou até a biblioteca municipal de Berlim? Como a leitora chegou até o texto? O que a fez escrever a sua vida nas margens do livro de Clarice? Com o que associou? Que modo de ler permite essa conversa?

São estas perguntas que os textos aqui apresentados, em diálogo com o nosso convite, procuram pensar. Já no texto de *abertura Sentir y transmitir. El arte de los mediadores de la lectura em contextos de crisis*, Michèle Petit

aborda estas questões tomando a mediação de leitura como uma questão a partir da qual todos os demais elementos parecem girar. É um texto belíssimo que fala da entrada da autora no mundo da leitura e dos mundos que os mediadores de leitura apresentam para jovens leitores em vários lugares do mundo. Por isso, este texto abre o nosso dossiê tanto no sentido de ser o primeiro, quanto por abordar os três eixos a partir dos quais construímos o nosso dossiê: modos de ler, a vida das obras e formas de circulação. Tivemos a felicidade de recebermos textos impactantes e importantes que abordam de forma brilhante estas três questões.

Assim, um primeiro conjunto de textos traz contribuições fundamentais para pensarmos a leitura e os modos de ler. Temos aqui uma diversidade de tratamento dos temas, o que é fundamental para o leitor se aproximar do debate a partir de diferentes perspectivas. Neste conjunto temos os textos: *Leitura aberta: por uma construção da leitura literária no ensino*, de Fani Miranda Tabak; *A voz que aproxima: o leitor em tempos de reclusão*, de Daniela Favero Netto e Magali Lopes Endruweit; *Primaveras, transplantes, rizoma (sobre a natureza técnica da cultura)*, de Artur de Vargas Giorgi; *O livro casa ou morada, percebido na experiência e declarado na escrita: um modo de ler e seus desdobramentos*, de Fabiano Tadeu Grazioli e “*Para ler é preciso saber associar*”: *uma teoria da leitura em Respiração Artificial*, de Ieda Magri.

Em um segundo conjunto de textos, temos a continuidade da vida das obras, como diz Adolfo Casais Monteiro, em que vemos justamente uma releitura, uma reapresentação de textos como *O Ateneu (Para reler o Ateneu)*, de Márcia de Souza) e *Zé Brasil (Entre leituras e literaturas – o Zé Brasil)*, de Gisele de Souza Gonçalves e Fernando José Martins). Nestes textos vemos uma concepção de crítica próxima do que podemos nominar como apresentação de textos literários. Esse modo de compreender a crítica oferece uma nova vida para o próprio exercício de leitura preocupado com a formação de leitores, como tem proposto João Cezar de Castro Rocha, e para a apresentação de textos em sala de sala.

Um terceiro conjunto de textos trata de uma questão que possui cada vez mais espaço em nossas pesquisas (e talvez por isso tenhamos um número maior de textos): as formas de circulação dos textos. Neste sentido, temos um bloco de trabalhos sobre uma das formas de circulação – a mediação – como: *Literatura e caminhada: problemas de mediação de leitura*, de Demétrio Alves Paz, Saulo Gomes Thimóteo e Pablo Lemos Berned; *Aplicativos de clubes de leitura como mediadores: análise de uma experiência de leitura*, de

Samira Dall Agnol e Douglas Ceccagno; *O mito da conspiração jesuítica no século XIX: das páginas da imprensa ao universo histórico de As Minas de Prata, de José de Alencar*, de Rafaela Mendes Mano Sanches; e outro, sobre a edição, em textos como: *Do manuscrito ao impresso: a transformação do piloto Nuno da Silva em autor*, de Bianca Batista; *Dom Quixote e sua saga editorial: uma análise comparada de adaptações galegas e brasileiras para o público infantil*, de Jéssica de Oliveira, Luzmara Curcino e Marta Neira Rodríguez; *Recolher, escolher, acolher em um arquivo literário digital: o projeto da Electronic Literature collection como coletânea e coleção*, de Vinicius Carvalho Pereira.

Temos ainda, uma belíssima entrevista realizada por François Weigel com Luis Alfredo Garcia-Roza; uma resenha do livro **Guerra cultural e retórica do ódio**, de João Cezar de Castro Rocha e uma resenha de um vídeo de Georges Didi-Huberman (*Os brancos tormentos do testemunho*) e um resumo de tese sobre Chibé, de Raimundo Holanda Guimarães.

Mesmo sendo uma apresentação breve, o leitor já percebeu a potência dos textos que compõem esse dossiê. Por isso, agradecemos imensamente a todos que enviaram seus textos e confiaram na nossa proposta, aos autores que possuem textos neste número e aos avaliadores que dedicaram uma parte de suas vidas na leitura dos textos e ajudaram a construir o desenho desse dossiê. Agradecer, também, ao leitor que chegou até aqui e que, esperamos, faça a travessia. Vale a pena!

Referência

CASAIIS MONTEIRO, Adolfo. **Clareza e mistério da crítica**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. **Por uma esquizofrenia produtiva: da prática à teoria**. Chapecó: Argos, 2015. Seleção e apresentação de Valdir Prigol.

_____. **Crítica literária: em busca do tempo perdido?** Chapecó: Argos, 2011.

DOMENECK, Ricardo. **Carta aos anfíbios**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2005.